

Com a morte de nosso senhor, fomos libertados. Minha mãe não estava mais viva. Meu pai, que toda sua vida tinha sofrido de saudades da África, não **queria mais nada além de** rever sua terra natal: "Venha meu filho, vamos voltar ao meu país! Como a gente é feliz lá! Como a África é bonita!"

Eu resisti muito tempo, porque eu era realmente feliz, Mas acabei por querer, eu também, ver essa terra afortunada que fazia meu pai sonhar. Partimos num pequeno navio que nos trouxe a Aguê. Logo que desembarcamos, vi uma multidão de negros que saíam de suas cabanas e corriam em nossa direção. Eu estava desagradavelmente espantado de ver esses negros quase nus, que gritavam e pulavam em nossa honra.

Eles falavam uma língua incompreensível para mim. Fomos imediatamente levados à presença do chefe, que nos recebeu à moda africana, sentado no chão num canto de seu casebre miserável, no meio de galinhas, cabras e porcos... Eis aí, eu me dizia, umas cabanas bem miseráveis. Elas não passam, sem dúvida alguma, de simples abrigos para os escravos que vêm pescar para o rei... No dia seguinte, eu já estava prestes a partir, quando meu pai me disse: "Mas onde você quer ir, meu filho?" "Mas papai, você não quer partir hoje mesmo para a sua terra natal?" "Minha terra - surpreendeu-se ele -mas é aqui a minha terra, você não está vendo como somos bem recebidos? Dentro de dois dias teremos uma casa, porque o rei pôs todos os seus homens à nossa disposição."

Não consegui responder. Tinha o coração apertado, as lágrimas escorriam dos meus olhos. Estava decepcionado. Todos os meus sonhos de felicidade desapareciam. Então era aquilo a bela terra africana de que meu pai tinha tanto falado? Era lá naquela terra que ele tinha me prometido que viveríamos felizes?

O senhor compreende, padre, o desespero no qual eu caí? Eu vinha de um país civilizado, e de repente me encontrava entre os selvagens...

... Aqui, aqui, tenho de morar aqui, eu me dizia enquanto seus olhos cheios de lágrimas olhavam as coisas ao meu redor. Nossa casa é essa cabana de palha onde eu só entro de cabeça baixa, uma esteira suja no lugar da porta, o piso é a terra nua e minha cabeça quase que toca o telhado sem teto...

Fugí para a praia. O navio que tinha nos trazido desaparecia no horizonte. "Oh Bahia, Bahia, meu doce país, adeus!" Caí na areia, enlouquecido ...

Meu pai, rejuvenescido por seu contentamento, não tinha ainda pensado que talvez eu não estivesse feliz. Todos os dias eu o via cair nas orgias infernais da África com redobrado entusiasmo. Compreendi então o que tinha atraído tanto o meu pai: era a liberdade sem medidas da qual ele tinha desfrutado na sua juventude. Eu reclamei com ele e lhe disse que com uma vida daquelas ele estava perdendo a sua alma. Ele riu... Eu tinha sido criado na fé cristã, padre, conhecia bem a minha religião e não queria ter a alma danada...

Neste relato encontramos vários dos aspectos que marcaram a tomada de posição dos antigos escravos retornados face à sociedade africana reencontrada. Em primeiro lugar, há as diferenças de perspectiva entre o velho africano e o crioulo, o que é bastante importante porque pode servir de paradigma para ajudar a compreender o africano que partiu ainda menino para o Brasil. "Eu vinha de um país civilizado, e de repente me encontrava entre os selvagens se queixava o velho Francisco. Esta maneira de ver a realidade africana - a oposição civil ização/selvageria - indica a postura dominante entre os ex-escravos e crioulos face aos autóctones, cuja repercussão chega até nossos dias, e de forma bastante ativa.

Amadou Hampâté Bâ (1994: 116) observa um fenômeno da mesma ordem nas relações entre os africanos que sofreram, muitos anos mais tarde, o impacto da colonização européia intensiva. Os que tinham sido colonizados primeiro se sentiam superiores aos outros, como relata o sábio peul:

E preciso abrir um pequeno parêntese para assinalar um fenômeno psicológico criado pela colonização e que eu pude constatar diversas vezes. Na época, certos indivíduos oriundos dos países que foram primeiramente colonizados se estimavam superiores aos outros em razão mesmo da anterioridade do seu contato com os colonizadores. Assim é que os são-luizenses, por exemplo, independentemente do fato de desfrutarem da cidadania francesa (como os seus compatriotas de três outras cidades senegalesas com status privilegiado, Dacar, Rufisque e Goréa), se consideravam as fênix dos negros da África porque tinham sido os primeiros a entrar em contato com os europeus, em 1558.

O velho Francisco e os outros retornados do Brasil não foram, portanto, nem mais nem menos do que os precursores de uma conduta mais tarde bastante disseminada pela África ocidental.

Percebe-se ainda, nas mágoas do velho Francisco, o apego ao catolicismo, considerado como uma evolução em relação à religião local.

#### AGUDAS - OS "BRASILEIROS" DO BENIM

outro vocabulário, para explicar-se. Nas últimas duas ou três décadas, mudou a África e, com ela, a percepção que os agudás, como os demais africanos, têm de si próprios e de seu passado. Nem podia deixar de ser assim, pois, a cada momento, a nossa imagem no espelho do tempo é diferente. Hoje, por exemplo, somos tentados a pensar que o fluxo e o refluxo de gente entre o golfo do Benim e a Bahia foi muito mais que isto e que o tráfico de escravos e a movimentação de navios a seu serviço entre as duas praias do Mar Oceano estava tecendo, no tear da tragédia, um mundo atlântico de substrato negro, uma cultura nova, que o colonialismo europeu, ao se impor, no fim do século XIX, sobre a África, entorpeceu, retardou e talvez tenha frustrado de vez. Uma cultura na qual, para falar por símbolos, o complexo europeu mediterrânico do trigo, da vinha e da oliveira teria por contraparte o da mandioca, da malagueta e do dendê.

Talvez dessa perspectiva compreendamos melhor o que Milton Guran ressalta tão bem: que a única projeção cultural do Brasil fora de suas fronteiras se haja dado na África Atlântica, tendo por principal fator o africano abasileirado, o ex-escravo que fora maltratado em terras brasileiras. Ao terem por seus, padrões de comportamento que não eram mais inteiramente africanos nem completamente europeus e formarem, em consequência, os seus enclaves culturais, os agudás tornaram-se propagadores não só da cultura portuguesa amerindianizada e africanizada no Brasil, mas também de uma nova maneira de ser e de ver-se africano, aprendida dolorosamente no outro lado do mar. E até possível que em quem se reconhecia, na segunda metade do Oitocentos, como, ao mesmo tempo, ijexá, iorubá e brasileiro, e tinha a família, como não era infreqüente, repartida por Agué, Porto Novo, Lagos e Salvador, venhamos a reconhecer os representantes precoces dessa cultura atlântica.

Poetizo, dirão. Seja. A história é o que foi e não o que poderia ter sido. E a história dos traficantes brasileiros instalados na África e dos libertos que para lá regressaram ainda não foi de todo escrita. Que este livro de Milton Guran nos traga outros. Sobre não só os agudás e amarôs do Togo, da República do Benim e da Nigéria, mas também sobre a comunidade tá-bom de Gana, a respeito da qual só conheço, em português, as valiosas notas que o ex-embaixador em Acra, o escritor Raymundo de Souza Dantas, preservou em **África difícil**. Que os historiadores se apressem a dizer-nos, por exemplo, o que sabem sobre aquele César Cerqueira Lima, que, na primeira metade do século XIX, era um dos vários brasileiros, cubanos, portugueses e espanhóis - talvez o maior deles - que comerciavam com gente em Vodza, entre os evês

De fato, o primogênito de iaiá Talabi Constancia Pereira dos Santos, Octaviano Olympio (1859-1940), foi um dos fundadores da cidade de Lomé, onde ele mantinha várias plantações, e que é hoje a capital do Togo. Aliás, consta que foi ele o introdutor do coqueiro dito da Bahia nesta região da Costa. Quando os alemães se instalaram no Togo, foi Octaviano quem os recebeu, discutiu com eles e em seguida traduziu as suas propostas para os chefes locais. Ele também fabricou os tijolos, forneceu os operários e administrou

as obras de construção dos primeiros edifícios coloniais de Lomé. Considerado como o patriarca de Lomé, Octaviano Olympio foi, até a sua morte, a mais importante personalidade política togoleza do período colonial. Um de seus filhos, chamado Pedro, foi o primeiro togolês a se formar em medicina e abriu nos anos 30 a primeira clínica privada africana no país, que teve o nome de "Bon Secours". E um dos filhos de seu irmão Epiphanio foi o primeiro presidente da Assembléia Representativa...